

O QUARTEL
OU
AS BOCHECHAS DO GENERAL

a. m. pires cabral

o quartel

ou as bochechas do general

L I S B O A
T I N T A - D A - C H I N A
M M X X I I I

ÍNDICE

© 2023, A.M. Pires Cabral
e Edições Tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 — E.10
1750-149 Lisboa — Portugal
Tels.: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *O Quartel, ou As bochechas do general*
Autor: A.M. Pires Cabral
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Agosto de 2023

ISBN 978-989-671-767-4
Depósito Legal n.º 516861/23

I Parte. A prova de sentinela

1. Em louvor da imaginação *ou*
É sempre bom o Leitor estar prevenido 9
2. Puestos están, frente a frente *ou*
It takes two to tango 22
3. O suave cantar da metralhadora *ou*
Metralhadora *vs.* rouxinol 36
4. Começam cedo as complicações *ou*
Que fazer com estes dois? 46
5. Sargento *vs.* soldado *ou* Soldado *vs.* sargento 60
6. Por falar em alcunhas *ou* Unhas e alcunhas 69
7. Dois namorados em fuga *ou* Mãos ao ar 76
8. Finalmente, uma quinta personagem *ou*
Mas a história não sai do sítio 87
9. O sargento quer saber como foi *ou*
Tirem-me daqui 127

II Parte. Um julgamento *sui generis*

10. Acorda por fim o soldado Benjamim	145
11. Quem mente e quem fala verdade	162
12. Perdigão que perdeu a pena <i>ou</i> Tudo acontece ao sargento	223
13. A aurora de um novo dia <i>ou</i> A demolição	263
 Em jeito de epílogo <i>ou</i> Diamonds (not lions) are forever	 289
 Nota biográfica	 295

I PARTE
A PROVA DE SENTINELA

CAPÍTULO I
EM LOUVOR DA IMAGINAÇÃO
ou É SEMPRE BOM O LEITOR
ESTAR PREVENIDO

Contado não se acredita.

Eis o que dizemos quando queremos pôr em evidência determinado sucesso em termos de inverosimilhança ou imprevisibilidade. Eu cedi ao impulso — ou talvez à tentação — de dizer exactamente o mesmo a abrir esta história, julgando que a encarecia, quando na verdade — vejo-o agora — a estou a apoucar. O enredo do conto é de tal modo inabitual e inesperado que ninguém vai acreditar. Mas ainda bem que assim é, porque no dia em que os Leitores acreditarem numa história que eu conte é porque a mesma é frouxa — e eu quero que as histórias que conto sejam tudo menos frouxas. Por isso, vamos fazer de conta que não escrevi este parágrafo — e passemos à acção.

Imagine-se que alguém dá um brinquedo a uma criança, mas a criança recusa-se a brincar com ele, prefere guardá-lo para que não se estrague. Que proveito tira do brinquedo a criança que age dessa

forma? O gosto de saber que conserva o brinquedo novinho em folha? Fraco gosto, em meu entender. Faz-me lembrar, com tristeza, o enorme desperdício de vinhos que as pessoas deixam estragar em garrafas que se recusam a abrir, só porque têm um rótulo comemorativo qualquer.

Por mim, sempre fui adepto de que usar é melhor do que simplesmente ter e saibam que todos os brinquedos que tive na idade de ter brinquedos acabaram os seus dias espatifados de tanto uso. Ou seja: de tanto prazer me terem dado. Porque para isso é que os brinquedos foram feitos: para dar prazer.

Deixemo-nos de coisas. Se Deus — ou a entidade, seja ela qual for, que preside à distribuição pelos homens das capacidades e das incapacidades — nos dotou com faculdades como a inteligência, a memória ou a imaginação, não foi para que as guardássemos num armário, novinhas em folha, felizes por saber que as temos. Foi para que as usássemos. Não usar as faculdades é, além de um desperdício, uma ingrata e feia desconsideração para com quem no-las deu. Pensando desta maneira, eu, como escritor agradecido que me prezo de ser, procuro usá-las o mais possível nos meus escritos. Sobretudo a imaginação — com que aliás fui mais generosamente dotado do que com a memória ou a inteligência. Vou usar a imaginação com extrema liberalidade nesta história que me proponho contar — até porque, como o vento, o sol ou as ondas do mar, a imaginação não se gasta: é um recurso renovável. Por isso, embora tenha defi-

nido para esta narrativa algumas linhas de força que quero ver respeitadas, vou dar rédea solta à imaginação e deixar que seja ela a ditar o que vai acontecer de princípio a fim.

Quem tem medo da imaginação? Do real é que há que ter medo. É o real que tiraniza o nosso dia-a-dia. Com ele e com os seus caprichos é que temos de nos haver. O real é a doença, o *stress*, a pobreza, a inflação, o desemprego. O real é a guerra, o atropelo dos direitos do homem, os fundamentalismos, radicalismos e extremismos. O real são os danos que infligimos ao planeta e as alterações climáticas, as secas, inundações e demais catástrofes com que o planeta retalia. Obviamente todos esses males podem existir no mundo da imaginação — mas aí são males faz-de-conta que não nos afectam realmente.

Há quem veja a imaginação como recusa do real. Outros vêem-na como alternativa ao real. Outros ainda como um sucedâneo do real, ou seja, uma realidade de segunda escolha. Eu prefiro vê-la como uma sobrerrealidade, que corrige e enriquece a realidade real. Prefiro vê-la na sua função utilitária de exorcismo contra os malefícios do real. Farto do real até à raiz dos cabelos, tenho sempre à mão, disponível, o refrigério e o consolo de que só a imaginação tem o segredo.

De modo que quem andar à procura de fidelidade ao real neste livro, bem pode ir procurá-la noutra sítio qualquer. É tempo perdido. Aqui só por milagre ou distração minha a encontrará. Aqui encontrará, pelo contrário, todo um mundo moldado pela

imaginação: personagens, atitudes, acontecimentos, lugares, contextos sociais e históricos. Tudo, enfim, o que pertence a uma obra de ficção. E sosseguem: que ninguém se suponha representado em qualquer das personagens, por muito que ache que está.

Bem sei que houve, continua a haver e haverá sempre muitos e bons escritores que cultivam o real e nor-teiam por ele a sua escrita, não dando um passo fora do caminho que ele lhes marca. São gostos. Que lhes faça bom proveito. Eu, pela minha parte, acho que esse é um caminho muito estreito, entalado entre muros muito altos, onde me sinto oprimido, e por isso o recuso. Prefiro os caminhos amplos da imaginação. Farto de levar pontapés do real estou eu. Em literatura, sou pela primazia do imaginado sobre o acontecido. E mantenho-me firme nesta opção, muito embora tenha já sofrido alguns dissabores por causa dela. Tenho visto os meus livros desvalidados pela crítica adepta e veneradora do real. Tenho visto livros recusados por editores por causa da sua manifesta — e deliberada — infidelidade ao real. Mas nem por isso me rendo. Conservo-me um indefectível partidário da imaginação. Ao fim e ao cabo é a imaginação que permite à Humanidade superar as limitações com que nasce e progredir. Se não fosse dotada de imaginação, teria a Humanidade chegado onde chegou e onde vai ainda chegar?

PARÊNTESES I

AS DUAS IMAGINAÇÕES

Espero que o Leitor me desculpe, mas hoje acordei virado para a teorização deste assunto, e peço licença para usar ainda uma dúzia de linhas para reflectir um pouco mais sobre a imaginação.

Creio que há pelo menos dois modos de imaginação na caixa das ferramentas do escritor.

Há uma imaginação de primeiro grau, que permite inventar histórias talhadas pelo figurino do real. Isto é: histórias que, se não aconteceram, podiam ter acontecido. E há uma imaginação de segundo grau, que não aceita cingir-se aos figurinos do real e busca mais além, muitas vezes quase na orla da loucura, o material a transfigurar e a transpor para uma história.

A primeira é aquilo que podíamos chamar a imaginação verosímil. Embora também use dela, não é essa a imaginação que eu mais prezo. A imaginação que mais prezo não é a que se aninha no real, mas sim a que pega no real e o vira do avesso. Chamo a isso imaginação inverosímil — a que também gosto de chamar imaginação alfa, para pôr em evidência a sua superioridade sobre a outra. É a imaginação de Aldous Huxley ou George Orwell, por exemplo, não a imaginação de Somerset Maugham ou Charles Dickens. (Perdoarão que, por formação académica e deformação profissional — além de escritor, sou professor e tradutor de inglês — tenha uma teimosa tendência para meter a cultura inglesa nas minhas lucubrações.)

São ambas estimáveis, as duas imaginações, mas diferentes. A diferença que há entre as duas imaginações é a mesma que há entre um Lamborghini e um Fiat 600, e que me perdoe o simpático Fiat 600 — aliás um grande pequeno carro, que está nesta história como o Pilatos no credo — o contrastá-lo com as magnificências do Lamborghini, colocando-o no antipático papel de coisa inferior. De qualquer modo, espero ter feito compreender o meu ponto de vista com esta comparação inspirada no mundo dos automóveis.

FIM DO PARÊNTESES I

Tudo isto será provavelmente mais fácil de entender recorrendo ao exemplo concreto da própria história que me proponho contar neste livro.

Vejamos, então. Essa história passa-se de princípio a fim num cenário que me é totalmente desconhecido: um quartel militar. Ora, se não tivesse em grau apreciável a imaginação alfa, como podia eu escrever uma história passada num quartel? Graças a Deus e, vamos lá, graças também a um braço que parti na neve, em criança, e ficou defeituoso para o resto dos meus dias e me isentou do serviço militar, não tive o desprazer de ser chamado para a tropa e por isso nunca pus um pé num quartel real e ignoro, por conseguinte, como os quartéis são por dentro, como se organizam, que divisões e dependências têm,

de que modo são geridos, que pessoas os habitam, que laços hierárquicos se estabelecem, etc., etc. Sim, como podia?

Tinha ao dispor quatro alternativas.

Alternativa um: desistia de contar a história. Alternativa drástica e muito difícil de aceitar, porque estou convencido de que a história que tenho em mente é muito divertida, e ao mesmo tempo didáctica, quase moralizante. Seria uma pena se ficasse por contar.

Alternativa dois: gastava tempo e paciência a documentar-me, queimando as pestanas em pesquisas na Wikipédia e quejandas instâncias do saber. Alternativa trabalhosa e também difícil de aceitar, porque, com as oito décadas de vida que já levo, o tempo e a paciência me são cada vez mais preciosos e escassos.

Alternativa três: pedia à imaginação verosímil que me arquitectasse um quartel que respeitasse as características comuns a todos os quartéis. Seria uma alternativa de tipo «sim, mas». Porque esse seria sempre um quartel convencional — e num quartel convencional não há espaço para determinados acontecimentos excepcionais como os que tenho em carteira para esta história e aos quais não quero renunciar, porque acredito que serão uma mais-valia que muito enriquecerá o que tenho a contar.

Alternativa quatro: socorria-me da imaginação inverosímil, aquela de que venho falando com entusiasmo. Seria a escolha acertada. Porque a imaginação inverosímil não admite limites. Não está, contrariamente ao que acontece com a imaginação verosímil,

vinculada à realidade — realidade que se diverte a torcer, subverter, destruir a seu bel-prazer. Tem resposta para todas as situações, literalmente.

Escolhi, por isso, a alternativa quatro. E escolhi-a porque sinto que, ao longo da minha obra literária, nasceu e foi crescendo uma cumplicidade entre mim e a imaginação alfa, de tal modo que se eu lhe digo: «Neste ponto da narrativa, precisa-se disto e mais isto e mais aquilo», ela responde: «É para já.» E as coisas aparecem feitas.

Foi assim que ela criou a partir do nada o tal quartel que a história pedia, que não precisa de ter nada em comum com um quartel real; só precisa de ter a *souplesse* indispensável para acomodar as peripécias próximas do *nonsense* da história. Em termos chãos: se, por exemplo, a história em dado momento exigir um urinol, o urinol aparece como por encanto. A imaginação alfa encarrega-se de o criar e colocar no sítio.

Esta foi, pois, a minha opção. A opção correcta. Que as venerandas cinzas dos respeitáveis escritores realistas e neo-realistas me perdoem a opção, que sem dúvida teriam considerado um sacrilégio. E se houver algum amigo que, tendo lido o livro e estranhado um quartel tão improvável, me pergunte: «Mas que raio de quartel é este? Onde é que já se viu um quartel assim?», responderei: «É o quartel de que preciso para conter a história que quero contar, e não o quartel onde tu passaste dois ou três anos da tua vida.»

Portanto, o Leitor já sabe o que o espera nas páginas que se seguem: uma história bizarra, vivida num quartel não menos bizarro que poderia não funcionar — certamente não funcionaria — em termos reais, mas funciona na perfeição em termos literários.

Tivemos, por exemplo, de imaginar o sítio exacto do quartel onde um soldado de nome Benjamim da Silva Boavida presta a prova de sentinela. (Logo veremos o que vem a ser essa coisa da prova de sentinela, outra criatura do inverosímil.) Pois bem, descrevamos esse sítio cujas características me estão sendo ditadas pela imaginação alfa.

É uma espécie de pátio a céu aberto do lado de dentro do muro do quartel. Desse pátio, uma sentinela pode controlar uma das portas de entrada no quartel — porta essa que, por não ser necessária no dia-a-dia, está permanentemente trancada. Mas infelizmente — para o nosso soldado Benjamim, claro, e cedo veremos porquê — é só isso que pode controlar a partir do seu posto. Porque é um pátio estranhíssimo, resultante talvez de uma reformulação desastrada feita em tempos no velho convento seiscentista para o adaptar a quartel. No parecer do tenente-coronel Plácido da Veiga, o *Palimpsesto* — estudioso de quem havemos de falar ainda algumas vezes no decorrer da narrativa —, a intenção, ao criar aquele espaço na cerca do convento, era implantar um *court* de ténis para uso dos oficiais, mas só depois de feitas as obras de nivelamento e pavimentação do solo se descobriu que não tinha as dimensões necessárias.

De forma que, para minimizar o prejuízo, colocou-se lá durante algum tempo uma mesa de ping-pong para os soldados rasos. Uns meses depois foi retirada, porque se verificou que o sol e a chuva a estavam a deteriorar muito rapidamente. Depois, removido o atractivo da mesa de ping-pong, aos poucos, o pátio foi perdendo utilidade e era agora considerado um espaço morto, lugar de arrumo ocasional, por exemplo, de grades de garrafas vazias de cerveja, botijas de gás e outras bagatelas. Mas, em compensação, teve direito a uma designação na gíria do quartel: era a *eira do milho*. E era um ponto algo vulnerável do edifício, queurgia manter sob vigilância.

O pátio é sobranceiro a uma alameda, mas quem circular nessa alameda, próximo do muro do quartel, não pode ver a sentinela nem ser visto por ela, porque o pátio é circundado por esse mesmo muro, que já foi herdado do velho convento da ordem de São Domingos. O muro, da parte de dentro, dá pelo umbigo de um homem de estatura mediana e tem uma espessura descomunal.

Bem, aqui tenho de parar de descrever o muro e o pátio e a alameda, porque a imaginação não me dá tréguas e dita-me pormenores sobre pormenores a uma velocidade tal que a minha destreza digital não a consegue acompanhar no teclado do computador. De modo que sou forçado a pedir ao Leitor que aceite sem mais explicações que a situação é esta: há um muro que impede que se veja mutuamente quem está do lado de dentro e quem está do lado de

fora. Ouvir, podem-se ouvir, desde que não murmurarem apenas, mas ver — nicles! Entendido? E isto é muito importante, porque vai ocasionar situações muito embaraçosas. Porque, a certa altura, pessoas que fogem ao ambiente revoltoso que vai nas ruas passarão por ali na sua fuga e podem ser consideradas uma ameaça potencial ao quartel. Fica, pois, estabelecido de uma vez por todas — perdoem a insistência, mas este pormenor é essencial para que a história possa ser compreendida — que essas pessoas que passam na rua e a sentinela que se movimenta no pátio, embora se possam ouvir, não se podem ver mutuamente. O soldado, no pátio, pode encostar-se ao muro, mas não debruçar-se sobre ele, como seria necessário para ter contacto visual com as pessoas lá em baixo. Para obter esse contacto, teria de se encavalitar no muro, mas isso é terminantemente proibido pelo Regulamento.

O Regulamento... Já cá faltava o Regulamento. Há-de aparecer muitas vezes, o Regulamento, e normalmente aparece não para facilitar, mas para complicar a vida ao soldado. Sim, também tive de pedir à imaginação alfa um Regulamento — esse Regulamento que tudo regula e que é repetidamente invocado ao longo da história, e condiciona tiranicamente a vida do quartel, de tal forma que é quase uma personagem do conto.

São estes dois elementos, o pátio e o Regulamento, que exigem um esforço maior da imaginação alfa. Para a história propriamente dita não precisaremos

geralmente de a utilizar — a não ser para a travar, caso ela se imponha e ponha a inventar inverosimilhanças demasiado inverosímeis que ameacem retirar aquele mínimo de credibilidade que a narrativa tem de ter — o que chega a acontecer não poucas vezes, em que ela me leva quase aos limites do absurdo, obrigando-me a um esforço tremendo para a suster no seu cavalgar desenfreado. Mas por via de regra, para o comum das situações, a imaginação verosímil chega e sobra. De resto, para criar o contexto político e social em que decorrem os acontecimentos, nem precisava sequer de usar qualquer imaginação: bastava estribar-me na memória que conservo de tempos que testemunhei e vivi e em que — é só um exemplo —, quando estudante em Coimbra, nos anos 60 do século passado, tive certa vez de correr a bom correr durante uma carga da polícia de choque, para evitar uma coronhada nos costados como as que vi outros, menos ligeiros do que eu, apanhar.

De mesmo modo, bastar-me-á usar a memória em vez da imaginação para criar o ambiente que se respira de princípio a fim da história, de forma que o Leitor perceba que, no começo da história, é noite e estamos numa cidade em que, ao tempo em que se passa a história, decorrem acesas movimentações populares que um governo decrépito chefiado por um ditador decrépito procura reprimir com violência, gerando gritos e correrias, ganir de sirenes, rajadas de metralhadora, detonações de *cocktails* Molotov — e o mais que se verá.

Contudo, no quartel do RA-7 — forma abreviada por que é vulgarmente conhecido o Regimento de Apontadores 7 (e este Regimento de Apontadores é também um produto da imaginação alfa) —, as expectativas são estranhamente moderadas e o estado de espírito relativamente calmo. Salvo no que diz respeito ao Comandante da unidade e ao sargento Cipriano Arrobas: ambos estão inquietos, embora por diferentes razões. Mas não adiantemos.

(É de supor que alguns Leitores terão a tentação de ver neste conto uma alusão ao que aconteceu em Portugal no 25 de Abril. Errado, meus amigos. Literatura é literatura, história é história — e isto é uma obra de literatura, não um livro de história. Tirante a mudança de regime, nada mais tem esta história que a ligue à Revolução dos Cravos. Nada de nada: nem as personagens, nem as peripécias. Haverá quem veja no livro uma crítica à instituição militar portuguesa. Errado. Tenho-lhe muito respeito para me atrever a brincar com ela. É que nem uma paródia chega a ser, porque paródia implica ainda uma ligação à realidade — e esta história tem que ver com tudo menos com a realidade. Se a quisermos classificar, talvez a fórmula correcta seja: uma fantasia castrense. Fantasia, isto é, invenção pura. Portanto, caro Leitor, antes de fazer uma interpretação errónea do que aí fica, faça o favor de ter isso em consideração.)

o quartel

foi composto em caracteres HoeflerText
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica sobre
papel Holmen de 80 gramas,
no mês de Junho de 2023.